

The Economist

O que aconteceu com a crise de alimentos?

ARTIGO PUBLICADO na revista *The Economist*, de 4 de julho de 2009, mostra que a crise de alimentos ocorrida na temporada 2007/08 ainda guarda surpresas mesmo após a contração da demanda causada pela crise econômica global.

Apesar de deixar milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza e trazer sérios riscos para a segurança alimentar de várias nações, acreditava-se que a subida de preços de alimentos poderia elevar a renda de produtores rurais, principalmente em países pobres. Eles disporiam de maior capital para investir, elevariam a produtividade, com aumento na oferta e contenção dos preços.

De fato, os dados indicam que o pico de preços no início de 2008 acarretou recordes na produção mundial de cereais na safra 2008/09 de 2,3 bilhões de toneladas. Ao mesmo tempo, alguns países deixaram de impor barreiras à exportação, antes utilizadas para conter os preços em seus mercados. Houve ainda uma redução dos incentivos na produção de biocombustíveis, devido à queda no preço do petróleo, com maior oferta de milho para alimentação.

Como consequência, a oferta de alimentos se elevou consideravelmente em curto período de tempo. Como a demanda se contraiu na mesma rapidez devido à crise econômica global, as cotações de alimentos despencaram abruptamente a partir do segundo semestre de 2008. Já no primeiro semestre de 2009 as cotações recuperaram mais de 30% de seu valor, mesmo diante das previsões de uma nova grande safra.

As explicações para esse fenômeno podem ser divididas em dois grupos:

- Flutuações cíclicas – a necessidade de refazer os estoques que estavam baixos devido às altas cotações pode explicar a elevação da demanda, mesmo diante da crise econômica. Com as baixas cotações do dólar e a queda no preço dos fretes, a recomposição dos estoques ficaram mais atrativas. Também há de se considerar o retorno de parte da população mundial excluída do mercado de alimentos devido às altas cotações. As cotações de alimentos mais “populares”, como grãos, sobem enquanto os alimentos mais nobres, como carne, caem. Há ainda uma outra fonte de pressão na demanda vindo da retomada da produção de biocombustíveis, que se tornaram atrativos, em função da elevação do preço do petróleo.
- Tendências de longo prazo – fazem parte os fatores estruturais como o crescimento da população mundial, maior população urbana e mudanças de hábitos alimentares em países emergentes, que não foram afetados pela crise econômica ou qualquer outra flutuação nesses mercados. Segundo a FAO, a oferta de alimentos nos países emergentes deverá dobrar até 2050, caso contrário, a segurança alimentar estará em risco e poderão ocorrer novos conflitos como se observou em 2007 e 2008. Também se espera que a controversa prática dos países ricos adquirirem terras em países pobres para garantir sua segurança alimentar se torne mais comum

nos próximos anos (ver artigo em *Agroanalysis* junho/09).

A solução de tais problemas está diretamente ligada à elevação da produtividade na atividade agrícola em países menos desenvolvidos. Na África, a produtividade média para cereais gira em torno de 1 tonelada por hectare, menos da metade da brasileira. Mesmo nos períodos de cotações elevadas, os investimentos não ocorrem no Continente Africano e na maioria dos países pobres. O aumento da safra em 2008 se deveu aos países desenvolvidos, que elevaram sua produção em mais de 10%. No mesmo período, a produção de grãos nos países pobre caiu.

De forma geral, o aumento da produção mundial de alimentos nos últimos anos está mais ligado à maior quantidade de terras cultivadas do que à elevação da produtividade agrícola. Mesmo cotações mais altas dos alimentos não parecem transmitir os incentivos necessários aos agricultores de países pobres investirem em novas tecnologias para aumentar a produtividade.

Porém, a dificuldade dos agricultores de responder aos sinais do mercado também ocorre em países ricos. A inter-relação da atividade agrícola com outros setores tornam as decisões cada vez mais complexas. A possibilidade de direcionar a produção de alimentos para biocombustíveis, por exemplo, obriga produtores a considerar as cotações do petróleo. A negociação de *commodities* agrícolas em bolsas de valores, onde os movimentos de preços dependem das cotações de outros ativos e do fluxo de capitais, também dificulta o cálculo de lucratividade para produtores rurais.

Esses movimentos nos preços agrícolas observados nos últimos anos, bem como a influência de fatores externos a esse mercado, sugerem que o pico de preços observado no último ano não se deve a simples movimentos cíclicos de oferta e demanda. Cada vez mais, observa-se um descolamento entre a oferta e a demanda por alimentos no mundo, o que poderia causar novas crises em um futuro próximo. ■